



Associação Brasileira de Psicopedagogia
Seção São Paulo

INFORMA

Ano 15 • Nº 31 • Dezembro • 2018

EDITORIAL

E JÁ É FIM DE ANO OUTRA VEZ!

Fim de um ano cheio de trabalho. Fim de um ano movimentado. Fim de um ano de conquistas, de realizações e de novas parcerias. Conquistamos porque realizamos!

Em diferentes espaços realizamos eventos, cumprimos com sucesso nossa agenda cultural do segundo semestre: temas de relevância e em diferentes modalidades – palestras, workshop e oficinas - caracterizaram esta agenda.

A **ABPP SP** marcou território em São Caetano do Sul na palestra de Vaníssia Vendruscolo com o tema O Processamento Auditivo Central e sua relação com o desempenho escolar realizada nas dependências do Centro de Estudos e Terapia Analítico Comportamental – CETEAC.

Em nossa sede e sob a batuta de Rebeca Lescher e de Camila Leon aconteceu o workshop com o tema Instrumentos de Avaliação e Estratégias de Intervenção na Matemática, que conciliaram teoria e prática de modo dinâmico. Pudemos atualizar e aprender bastante sobre isso.

Mantendo a tradição fizemos um evento na Colmeia – Instituto a Serviço da Juventude. A palestra O diálogo entre o adulto e a criança - a arte da Linguagem foi o tema de Telma Vinha, que mostrou “in loco” como deve ser a comunicação pelo diálogo.

Fortalecemos e ampliamos parcerias bem como conquistamos novos espaços.

Pelo segundo ano consecutivo fomos convidadas pela ONG iABCD e participamos da 8ª Semana de Conscientização da Dislexia. Com o tema Brincando com as Palavras na Semana da Dislexia promovemos uma Oficina de Linguagem, com a coordenação de Rebeca Lescher e Wylma Ferraz, na loja Pingo no I, parceira da **ABPP SP** de longa data.

A ampliação da parceria se concretizou em outubro com a Oficina de Fluência que promoveu a Roda de Conversa sobre o tema Gagueira, com a fonoaudióloga Sonia Regina da Silva, na reunião do Conselho Estadual.

A livraria NoveSete foi o espaço de comemoração do dia do Psicopedagogo que teve magia, encanto nas expressões artísticas, comandadas pela Arteterapeuta Marina Gait e a narração de histórias por Penélope Martins, marcou esse dia selando a nova parceria.

O Projeto Social, sob a assessoria de Sílvia Amaral e Sandra Santilli, vem se fortalecendo a cada encontro (três ao longo de um ano), pois sempre temos novas adesões. Atualmente passa por adequações.

Ainda está previsto mais um evento para encerrar as atividades do ano de 2018: com brincadeiras, jogos e muita diversão: vamos fazer o Brunch da **ABPP SP**, na loja Pingo no I. Registro nosso agradecimento aos associados da **ABPP SP** que tem participado mais ativamente de nossos eventos.

O Conselho Estadual tem contribuição essencial em nosso fazer quando em nossas reuniões trazem contribuições, promovem reflexões e fortalecem nossas ações. A todos os membros e a cada uma das conselheiras, meu profundo respeito.

A relação parceira e amistosa da **ABPP SP** com a **ABPP Nacional**, na pessoa de sua presidente Luciana Almeida, tem garantido e fortalecido a identidade da Psicopedagogia no Estado de São Paulo.

As reuniões quinzenais da diretoria executiva fortalecem os laços e nossas ações. Às meninas deste grupo proativo e engajado só tenho elogios e agradecimentos: **MUITO OBRIGADA**, por mais um ano de trabalho.

Cristina Natel
Presidente da **ABPP SP**
(gestão 2017-2019)

AGENDA CULTURAL

Fevereiro: Projeto Social

Março: Curso

Abril: Palestra e Conselho Estadual

Maiο: Oficina

Junho: Titularidade

PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br
saopaulo@saopauloabpp.com.br
contato: 11 9.6416.1030



A comunicação entre adultos e crianças: a arte da linguagem

Profa. Dra. Teima Vinha – Pedagoga, doutora em educação na área de Psicologia, desenvolvimento humano e educação pela Faculdade de Educação da Unicamp.

Sempre que nos dirigimos a alguém transmitimos mensagens que afetam suas emoções e sentimentos para melhor ou pior. Muitas vezes, falamos com boas intenções, mas somos mal interpretados e o outro não reage como esperamos. Isso acontece porque uma coisa é o que está se querendo dizer e outra é o que o receptor compreende. São dois elementos distintos. Nós, educadores, podemos ir além da boa intenção e aprender a nos comunicar de forma mais construtiva, utilizando procedimentos que auxiliem a estabelecer diálogos efetivos, mesmo nas difíceis situações de conflitos.

A conversa é mais eficiente quando evitamos desconfiar, culpabilizações ou julgamentos. O ideal é falarmos sobre a situação e os sentimentos e não sobre o caráter ou característica de personalidade. Em vez de "Chorando de novo? Como você é chorão!", é preferível: "Não consigo entender o que você está dizendo. Acalme-se para podermos conversar". A **linguagem descritiva** dá a oportunidade à criança ou jovem, de por si mesmo, chegar a uma conclusão do que deve ser feito, diminuindo assim o desafio, reduzindo a resistência e favorecendo a colaboração. Assim, ao invés de dizer "Vocês são muito bagunceiros", é preferível, "Vocês estão saindo do quarto, mas vejo roupas no chão, brinquedos que precisam ser colocados nos armários e luzes acesas". Se a intenção é acalmar ou demonstrar compreensão, uma boa estratégia é a **escuta ativa**. Nela, o adulto repete resumidamente o que foi dito, sem censuras ou críticas, procurando clarear os sentimentos do outro e estimulando-o a encontrar uma solução: "Vi como você ficou nervoso antes da prova. É muito ruim quando dá "esse branco" e parece que a gente não sabe nada. O que você acha que pode ser feito para se sentir menos ansioso nessa situação?". Todos os sentimentos devem ser reconhecidos, pois não existem sentimentos bons ou ruins. Os atos é que devem ser limitados: "Você ficou muito chateado com o que a Ana fez. Tão chateado que está dizendo que irá bater nela. Mas, não se bate nas pessoas. Como podemos resolver isso sem agredir?". É importante caminhar em direção aos sentimentos do outro e não no sentido contrário: "Um espinho pode doer muito às vezes. Vamos retirá-lo".

Nas crises, evite acusar ou atacar: "Você derruba tudo! É tão desajeitada!" ou "Você é mentiroso e fica tentando me enrolar. Faz favor de falar a verdade pelo menos uma vez na vida!". Quando isso acontece, o ouvinte canaliza sua energia para a defesa ou justificativa e não para a solução. Reprimendas não melhoram ninguém. Somente incitam a raiva, baixa-estima e desvalorização. A linguagem não crítica atrai a cooperação. É preciso respeitar a dignidade do outro mesmo quando ele "apronta" e evitar comentários negativos. A **crítica construtiva** limita-se a descrever o problema e auxiliar na busca de soluções: "Você esqueceu seus materiais na escola. O que pode fazer para que isso não aconteça novamente?".

E quando é necessário usar autoridade? Nesses momentos vale a pena ser firme e optar por **falas curtas e objetivas**, evitando sermões e lições de moral. Sem gritos, pois demonstra perda do controle. A linguagem deve lidar com o incidente específico, no momento específico. "Sei que está zangado. Mas terá que dizer o que quer sem gritar ou ofender" ou "Não se joga e nem se coloca nada, absolutamente nada no ventilador. Guarde essa vassoura".

Recomenda-se também evitar o confronto, pois é desgastante, pouco educativo e pode resultar em enfrentamentos. Ao invés de ordenar ou ameaçar, é melhor **oferecer opções**, mesmo que as alternativas não sejam agradáveis. Por exemplo, dê a criança que grita na sala enquanto outras assistem televisão a possibilidade de falar em voz baixa nesse local ou gritar no banheiro, dispensa ou jardim, onde não incomodará ninguém.

Nas situações em que o adulto está com um problema que envolve o filho, ele pode empregar a **mensagem-eu** que serve para mostrar o próprio ponto de vista, descrevendo o fato e o sentimento, sem ameaçar ou culpabilizar. Ao mostrar a perspectiva e o sentimento decorrente do ocorrido, o adulto pode envolvê-lo na busca de soluções para o conflito: "Temos saído atrasados para ir à escola quase todos os dias. Fico irritada porque você demora em se arrumar e acabo brigando com você. Não me sinto bem com isso. O que podemos fazer para sairmos no horário e não brigarmos mais?". Importante ressaltar que ninguém é paciente o tempo todo. Também temos limites. A irritação ou raiva pode ser valiosa quando expressa de maneira apropriada e sem causar danos: "Por várias vezes tentei colocar minha perspectiva e você me interrompeu. Eu o escutei quando falou. Fico irritada com essas interrupções e não tenho vontade de continuar a conversar desse jeito. Acha que consegue me ouvir sem interromper e depois colocar novamente o que pensa?".

Numa situação de conflito, vale a pena se pautar nos **quatro passos propostos por Rosenberg, autor da "comunicação não violenta"**: observar sem avaliar ou julgar; identificar os sentimentos envolvidos no conflito; assumir a responsabilidade pelos próprios sentimentos e fazer pedidos de forma clara e objetiva.

A aprendizagem de outra forma de se comunicar requer treinamento e paciência. Contudo, são transformadoras das relações. Crianças e jovens cooperam mais e resistem menos a um educador quando o diálogo é pautado no respeito e quando são resguardadas a dignidade e a estima de si próprios.

TDJH: muito além dos critérios diagnósticos
 Dra. Ivete Gianfaldoni Gattás - Médica Psiquiatra da Infância e Adolescência - Coordenadora da Unidade de Psiquiatria da Infância e Adolescência (UPIA) / UNIFES

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é uma desordem psiquiátrica prevalente (em torno de 5% de crianças entre 4 e 17 anos) e persistente. Essa condição é classicamente caracterizada por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Acredita-se que a instalação do transtorno se dê na infância precoce, embora seu diagnóstico seja mais tipicamente feito na idade escolar, principalmente a partir da alfabetização, quando acontece uma demanda com maior formalidade.

O TDAH é particularmente relevante na sociedade atual, embora suas primeiras descrições datem do século XIX e seu primeiro tratamento medicamentoso date dos anos 30 do século XX.

É um dos diagnósticos mais comuns em ambientes escolares e de saúde mental, ainda, muitas dessas crianças diagnosticadas terão problemas relacionados a funcionamento educacional e social, além de apresentarem maior risco de desenvolverem outros transtornos mentais na adolescência e vida adulta, como Transtorno de uso de substâncias.

Logo, nota-se que tal transtorno mental é um dos que mais geram custos sociais ao Estado. Diversas evidências científicas mostram alta correlação entre TDAH não tratado e criminalidade.

Por todas essas razões, o diagnóstico preciso do TDAH é fundamental para que programas relacionados ao tratamento e às abordagens educacionais e sociais possam ser elaboradas.

O diagnóstico do TDAH não é simples ou fácil, embora muitos acreditem que sim.

Os sintomas do TDAH não são exclusivos dessa condição, podendo ser encontrados em outros transtornos (por exemplo: desatenção pode estar presente em indivíduos como privação de sono, depressão, ansiedade etc; hiperatividade pode estar presente em estados ansiosos, quadros maníacos, hipertireoidismo, psicoses; e impulsividade presente em transtornos do controle dos impulsos, transtornos ansiosos etc..)

Para o bom diagnóstico, não deveria ser levado em conta apenas a presença ou não desses sintomas cardinais, mas, principalmente, sua intensidade, prejuízo, contexto, lugar e, primordialmente, a ausência de outras condições que possam estar mimetizando essa patologia ou ainda situações que possibilitem confusão.

Conhecer a psicopatologia, mais do que conhecer os critérios diagnósticos deste ou daquele transtorno, é que faz toda a diferença.

O TDAH é uma das condições psiquiátricas mais comórbidas que existem (em torno de 30% dos casos são o que poderíamos chamar de “puros”, os outros 70 % apresentaram uma ou mais comorbidades).

Saber reconhecer essas comorbidades faz com que o diagnóstico seja mais preciso e, conseqüentemente, as orientações referentes aos tratamentos propostos sejam mais eficazes.

O não reconhecimento das comorbidades, tão frequentemente presentes nos portadores de TDAH, leva muitas vezes a dificuldades diagnósticas e tratamentos sem sucesso.

Tratando-se de condição tão frequente, muitas vezes incapacitante e custosa, em termos de saúde pública e prejuízo social, faz-se fundamental o preparo daqueles que serão procurados pelos portadores e seus familiares, para que sejam capazes de um diagnóstico amplo, com relação aos impactos sociais, educacionais, psicológicos, mas principalmente muito além dos critérios diagnósticos estabelecidos, promovendo a aquisição de condições para a aplicação de estratégias para o aprendizado escolar, bem como para a convivência e interação socioemocional nos diversos ambientes.

ESPAÇO ABERTO

Neste espaço divulgamos artigos, estudos e relatos de experiência da Psicopedagogia prestigiando diferentes autores.

Inclusão é para todos!

Maria João Leser – Pedagoga - Diretora da Maple Bear Jaguaré

A inclusão é lei e é um fato em todas as escolas do país, as professoras lidam com crianças que aprendem de maneiras diferentes, em ritmos diferentes, em todo Brasil. Mas todas as crianças são diferentes, não apenas aquelas que são classificadas como de inclusão. A boa notícia é que muitas das rotinas e estratégias que suportam o aprendizado daqueles com dificuldade também melhoram o desempenho das crianças que estão dentro do esperado e de outras que tem altas habilidades. Como só uma professora pode ajudar 30 alunos diferentes? Criando rotinas e estratégias que promovam a autonomia, dividindo a responsabilidade de aprendizado com o grupo e com os indivíduos, propondo objetivos e metas claras e compartilhadas com os alunos. Esse é o lema do livro “*Differentiated Instructions Made Practical: Engaging the Extremes through Classroom Routines*” de Rhonda Bondie e Akane Zusho.

Entre outras soluções abordadas na publicação, elas sugerem permear a sala de aula com ajuda. Professores podem montar estruturas, ambientes e rotinas que permitam que os alunos pensem sobre e acessem o suporte que eles precisam, assim elas terão mais disponibilidade para focar individualmente no desenvolvimento de alunos e suas habilidades.

Essa prática foca em estabelecer três níveis de recursos. Esses níveis chamados de **apoio geral**, **apoio específico** e **apoio individualizado** dão a todos os alunos uma variedade de estratégias para aprofundar o aprendizado. Cada um dos níveis pode ser apropriado para qualquer criança, dependendo das circunstâncias. O **apoio geral** não é só para aqueles que têm ótimos resultados e nem o **apoio individualizado** para aqueles que têm dificuldades. Todos os alunos podem se beneficiar do ensino diferenciado.

Recursos de **apoio geral** devem estar acessíveis para todos os alunos na maior parte do tempo. São recursos que comumente encontramos nas salas de aula: informações em cartazes na parede, livros, materiais, ferramentas, manipulativos e as pessoas (professores e pares). A idéia é que todos os alunos tenham a consciência de que esses recursos estão prontamente acessíveis.

A maioria dos alunos já usam esses recursos periodicamente, intencionalmente (procurando uma informação em um livro) ou sem intencionalidade (lendo palavras que estão nas paredes e ampliando assim o vocabulário). Quando a professora nomeia esses materiais como “recursos de apoio geral” ela mostra para os alunos que eles estão lá, especificamente, para ajudá-los e que esses podem recorrer (sem se sentirem envergonhados), quando começam a pensar em pedir ajuda.

Na Prática: a professora pode montar um *canto da ajuda*, em que os alunos possam usar quando estiverem fazendo trabalhos em grupo ou individuais. Esse canto pode conter um computador mostrando um vídeo sobre o assunto, folhas de respostas onde os alunos podem checar o seu trabalho e/ou perguntas disparadoras que ajudem os alunos com ideias para produzir textos ou resolver problemas.

Quando os alunos precisam de **apoio específico**, a professora direciona essa ajuda baseada na necessidade deles. Bondie descreve três tipos de apoio específico:

Suporte ajuda o aprendiz a praticar a tarefa de uma maneira mais simples. Pense em um salva vidas, ele ajuda as pessoas a praticarem natação sem medo de se afogar. Suporte garante que o aluno vai completar a proposta sem “empacar” por conta de desafios além de suas capacidades, assim encoraja o aluno a se arriscar já que ele tem muitas chances de sucesso.

Na Prática: Alguns alunos podem se beneficiar de instruções passo a passo para completar um trabalho, os passos garantem que o aluno termine o seu trabalho de maneira menos estressante.

Andaimos ajudam os estudantes a desenvolver uma habilidade específica ou parte de uma proposta sem se preocupar com todos os componentes. Pense em uma pranchinha, ela permite que o nadador descance os braços enquanto foca em bater as pernas.

Na Prática: Quando os alunos têm que compor um texto argumentativo, alguns podem se beneficiar por terem o início do texto já escrito. As palavras iniciais fazem com que o aluno deixe de se preocupar com a escrita e foque na habilidade de construir um argumento.

Extensões faz com que o estudante vá além do que está sendo pedido e aprofunde o seu aprendizado. Pense nos óculos de natação, eles ajudam no nado em baixo da água. Extensões desafiam os alunos e fazem ver como podem melhorar o seu trabalho.

Na Prática: uma lista de critérios pode comunicar o que faria a entrega ser espetacular, ao invés de satisfatória.

O **apoio individualizado** pressupõe que os alunos vêm pra escola com um conjunto único de saberes e experiências e, portanto, cada um precisa de desafios únicos. É diferente da recuperação e pode ser usado tanto para rever conteúdos como para ampliar o aprendizado e pode ser útil para alunos com diferentes desempenhos. Como o **apoio geral**, o **apoio individualizado** tem como objetivo que o estudante entenda o que eles precisam e quando eles precisam. Deveria ser parte integrante da rotina de sala de aula, ajudando a promover uma cultura onde conhecimento profundo, revisão de conteúdos e de trabalhos é a norma.

Na Prática: Uma mesma atividade pode ser usada para atender a diferentes objetivos. Por exemplo, a professora pode instituir a *Segunda Sabida* quando os alunos devem retomar um trabalho da semana anterior que eles não fizeram, podem melhorar ou não entenderam. Isso oferece a oportunidade para alunos diminuírem a diferença entre eles e seus pares ou aprofundar os seus conhecimentos.

ACONTECEU

“Processamento auditivo central e sua relação com o desempenho escolar”

Conceituar as alterações do Processamento Auditivo Central e como elas podem se manifestar em sala de aula - Discutir os procedimentos necessários para com as alterações do PAC.

No dia 25 de agosto, a ABPpSP em parceria com a associada Márcia Verri, realizou uma palestra sobre o Processamento Auditivo Central, ministrada pela fonoaudióloga Vaníssia Vendruscolo.

Nesta oportunidade, conceituou as alterações do Processamento Auditivo Central, como elas podem se manifestar em sala de aula e explanou sobre os procedimentos necessários para trabalhar com as especificidades do PAC e as possibilidades de tratamento.

O exame é indicado quando se identifica na criança algumas alterações em leitura e ortografia; dificuldade em permanecer numa tarefa, completar um dever, lembrar o que ouviu como nomes, histórias, números, direções múltiplas; falar certos sons corretamente e também quando aparecem habilidades linguísticas reduzidas. É um indicador a observação de quando a criança está atenta e quando questionada, responde: “Ahn... ou O quê?” e mostra entendimento em situações silenciosas, mas não nas ruidosas.

Depois de realizado o exame para verificação do Processamento Auditivo Central e, diante de alguns déficits, elabora-se um relatório com indicações terapêuticas e encaminhamento para treinamento de cabine.

“Intervenção Psicopedagógica na leitura e escrita com jogos e atividades lúdicas”

No dia 29 de setembro, Maria Cristina Natel, nossa Presidente, representou a ABPp Seção São Paulo, nas comemorações dos 20 anos da seção Sergipe.

Nesta ocasião, dirigiu a Oficina: “Intervenção Psicopedagógica na leitura e escrita com jogos e atividades lúdicas”, compartilhando conhecimento e levando suas experiências para outros estados filiados à ABPp Nacional.

“Instrumentos de avaliação e estratégias de intervenção na Matemática”

A ABPpSP, promoveu o Curso: “Instrumentos de avaliação e estratégias de intervenção na Matemática”, na Sede da Associação, em 06/10/2018.

O evento teve a duração de sete horas, que passaram sem que nos déssemos conta. Foi gostoso e produtivo!

Ministrado pela nossa Vice-presidente Professora Rebeca Lescher e Professora Camila Leon, tivemos a oportunidade de debatermos a respeito da teoria das aquisições dos conceitos numéricas, entendimento do raciocínio e aspectos neurológicos que permeiam estas construções.

Posteriormente, Rebeca deu forma a esta teoria, possibilitando aos participantes, vivenciarem e posicionarem-se a respeito das construções e das estratégias como recurso de aprender e superar as dificuldades na lógica matemática.

Estas propostas, com moldura lúdica, trouxeram aprendizados e enriquecimentos aos participantes, que ao término, certamente, ampliaram seus horizontes na condução de estratégias de superação.

Parabéns, esperamos que tenha sido o início de um ciclo de conhecimentos que poderemos levar dia a dia nos atendimentos psicopedagógicos.

A ABPpSP, agradece pela oportunidade enriquecedora.

"Diálogo entre o adulto e a criança: A Arte da Linguagem...!"

A ABPpSP em parceria com a Colmeia, recebeu Telma Vinha, Doutora em Educação, para a palestra: "Diálogo entre o adulto e a criança: A Arte da Linguagem...!"

Durante um bate papo descontraído e recheado de conteúdos, foram abordados assuntos sensíveis como a comunicação por meio do diálogo para melhor condução das relações interpessoais, interações empáticas para situações de confronto, resolução de conflitos, redução de resistência e qualidade nas relações entre o adulto e a criança.

Experimentamos momentos de reflexão a respeito das relações humanas, nos diversos contextos profissional, social e pessoal.

Os associados, a diretoria, conselheiros e convidados das demais instituições educacionais, oportunizaram a troca rica e foram tocados pelas palavras e vivências de Telma que agregaram valores morais, para uma melhora nos diferentes ambientes de atuação.

Agradecemos à Telma Vinha por compartilhar conosco seus conhecimentos sobre a difícil tarefa de produzir afetos e manter os vínculos na convivência entre os homens.

"Brincando com as Palavras na Semana da Dislexia"

A ABPpSeção São Paulo participou da Semana de Dislexia promovida pela ABD, com uma oficina de Jogos, na loja "Pingo no!". Com o tema "Brincando com as Palavras", trabalhamos com jogos como estratégias de mediação e intervenção em casos clínicos e institucionais. Nesta campanha, houve diálogos e discussões em diferentes espaços, para ampliar A VEZ E A VOZ dos disléxicos em seus direitos.

PROJETO SOCIAL

No dia 10 de novembro, na sede da ABPp – Seção São Paulo, aconteceu à reunião do Projeto Social, encerrando mais um ano, de atuação dos psicopedagogos nas diversas comunidades.

Nesta proposta, os profissionais prestam serviços à com supervisão e orientação dos membros titulares do conselho e da diretoria executiva. É a ABPp Seção São Paulo, atuando de forma coletiva e institucional, por meio do Projeto Social, ampliando olhares e possibilidades como ferramentas para a atuação psicopedagógica, com determinação e seriedade.

O encontro que finalizou o ano de 2018 do Projeto Social "ABPpSP vai à comunidade" foi bastante positivo! Foram discutidos novos critérios para as cartas compromisso do associado e apresentada a carta de adesão da família ou responsável. As participantes do projeto apresentaram relatos ricos, que proporcionaram troca de experiências entre as supervisionadas, validados pelas supervisoras voluntárias.

Em 2019 esperamos a chegada de novos(as) participantes, já na nossa reunião do dia 9 de fevereiro!

Silvia Amaral de Mello Pinto

Sandra Lia N. Santilli

Dia do Psicopedagogo

No dia 10/11, a ABPp – Seção São Paulo, em parceria com a livreria NoveSete, comemorou o dia do Psicopedagogo, com as convidadas Marina Gati e Penélope Martins. A Arteterapeuta Marina Gati trouxe aos participantes a possibilidade de vivenciar uma breve atividade de Arteterapia, a fim de compreender esta área como uma ferramenta auxiliar no trabalho psicopedagógico, trazendo benefícios para crianças com dificuldades de aprendizagem, o estímulo ao desenvolvimento de sua autoconfiança e a fortificação de autoestima. A Narradora Penélope Martins trouxe histórias para adultos. Sua narrativa perpassou histórias passadas e da humanidade. Através delas, estabeleceu relações levando cada um a repensar sobre sua própria vivência inserida no seu contexto histórico.

BIBLIOTECA

"Mentalidades Matemáticas, Estimulando o Potencial dos Estudantes por Meio da Matemática Criativa, das Mensagens Inspiradoras e do Ensino Inovador, Como Entender o Contemporâneo"- Jo Boaler - Editora Penso- Artmed-2017.



Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva – Rodrigues - Editora Summus - (Essa obra, embora seja de 2006, vale a indicação.)

Práticas de Psicopedagogia em diferentes
com(textos)- orgs. Márcia Alves Simões
Dantas e Marisa Irene Siqueira Castanho -
Wak Editora- 2018.



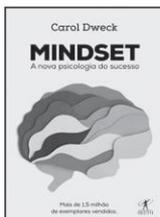
A Instituição que aprende sob o olhar da
Psicopedagogia Evelise M. P. Portilho, Isabel
Cristina H. Parolin, Laura M. Serrat Barbosa
e Simone Carlberg - Wak Editora- 2018.



Vazio – de Anna Llenas
Editora Salamandra

Sugestão : Viagem Dentro da Dislexia: Documentário da HBO ou no
You Tube: <https://m.youtube.com/watch?v=5qLMJoOCzc#menu>

RESENHA



Mindset – A nova psicologia do sucesso - Carol
S. Dweck, ph.D. – tradução S. Duarte. 11ª
reimpressão. Editora Objetiva

O livro apresenta uma leitura sobre o
pensamento rígido que não beneficia ninguém,
muito menos você, e que a mudança é sempre
possível e oportuna.

O que é o mindset? Nada mais é que a forma que você enxerga o
mundo e interpreta os acontecimentos ao seu redor.

“O que tornaria uma pessoa alguém que não aprende? Todos
nascem com intenso ímpeto de aprender. Os bebês conquistam
diariamente novas aptidões. Não são habilidades simples, mas as
tarefas mais difíceis da vida, como aprender a caminhar e a falar.
Eles nunca acham muito difíceis ou que não vale a pena o esforço.
Os bebês não se preocupam em errar ou se humilhar. Caminham,
caem, levantam-se. Simplesmente seguem adiante” (citação
extraída do livro).

Mindset é um conjunto de pressupostos, métodos ou notações
detidas por uma ou mais pessoas ou grupos de pessoas e que pode
ser tão estabelecido na pessoa ou em um grupo que chega a
desenvolver um incentivo para aceitar ou adotar um determinado
tipo de comportamento, de instrumentos ou escolhas.

As pessoas de mindset fixo querem ter certeza de que terão êxito, já
as de mindset de crescimento, ter êxito significa desenvolver-se.

Considero uma excelente dica de leitura, para nós educadores e
psicopedagogos, que desenvolvemos intervenção
psicopedagógica, com as crianças e adolescentes, no sentido de
fazer com que eles se apropriem dos processos, mais que aos
resultados e flexibilizem a sua forma de pensar, suas crenças e com
isso a modificabilidade do pensamento, para a vida prática e
cultural, positivamente.

EXPEDIENTE - DIRETORIA 2017 / 2019

Presidente: Maria Cristina Natel

Vice-Presidente: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

Diretora Secretária: Andréa de Castro Jorge Racy

Diretora Secretária Adjunta: Márcia Maria Machado Monteiro

Diretora Financeira: Helena Maria Barbosa da Silva

Diretora Financeira Adjunta: Ymei Uvo de Sá Trench

Diretora Cultural: Ruth Nassiff

Diretora Cultural Adjunta: Cecília Gereto de Mello Faro

Diretora de Relações Públicas: Wylma E. Teixeira Ferraz

Diretora Adjunta de Relações Públicas: Maria Lúcia Moura Caruso

PROJETO SOCIAL:

Coordenadora do Projeto Social: Sílvia Amaral de Mello Pinto

Coordenadora Adjunta do Projeto Social: Sandra Lia N. Santilli

CONSELHO ESTADUAL:

Ariane Zanelli de Souza

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Claudia Maria Laureano Moreno

Cristiane Cássia Moura

Márcia Alves Affonso

Regina Irani Spirandeli Federico

Rosana Maria Pereira Borges

Sandra Casseri Rindeika

Sílvia Amaral de Mello Pinto

CONSELHO FISCAL:

Anete Hecht

Ernani Pereira Junior

CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da

ABPp SEÇÃO SÃO PAULO

EDITORA DE REDAÇÃO: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL: Andréa de Castro Jorge Racy e Ruth Nassiff

TIRAGEM: 500 exemplares

CRIAÇÃO E IMPRESSÃO: KOSMOGRAF